QUARTA-FEIRA 12 JUNHO 2019 | DIÁRIO | ANO II | N.º 1376 | DIRETOR: AGOSTINHO SILVA | www.jm-madeira.pt | 0,80€

FOTO: JOANA SOUSA

Abraço espera ajuda para centro de rastreio

Delegação da Madeira já tem o edifício, que foi cedido pela Câmara, mas pede apoios ao Governo Regional para avançar com as obras. A ideia é abrir um espaço para facilitar o acesso de quem suspeita estar infetado com doenças sexualmente transmissíveis. *pág. 4*

80% DAS EMPRESAS SOFRERAM ATAQUES INFORMÁTICOS

Os indicadores da Madeira incluem todo o tipo de cibertaques, desde o simples vírus a danos mais graves. A conclusão é de José Figueiredo, especialista nacional nesta área que vem ao Funchal falar sobre o tema no dia 19. *pág. 17*

CDS abre núcleo no Brasil

Rui Barreto acompanhaou visita de Assunção Cristas e de Gonçalo Santos. *pág. 10*

Estrada sobre a Ribeira de João Gomes reabre em setembro

pág. 8

Visto atrasa helicóptero

Burocracia atrasa embarque para a Região. *pág. 15*

António Costa confirma Dia de Portugal na Madeira em 2020

pág. 18

PUB

Especialistas debatem cibersegurança no Funchal

80% das empresas já foram alvo de algum tipo de ataque informático

TECNOLOGIAS
Patrícia Gaspar
patricia.gaspar@jm-madeira.pt

Ransomware é o software malicioso mais comum na Madeira. Governo e infraestruturas críticas são as mais expostas ao risco.

Squalo Cybersystems traz especialistas israelitas à Região.

Para trás, ficou o tempo em que um ciberataque se limitava a sobrecarregar um site ou 'apagá-lo'. Atualmente, a 'guerra tecnológica' pode ir ao ponto de abrir comportas de barragens, envenenar águas ou controlar remotamente mecanismos ao serviço de uma entidade ou empresa.

Na Madeira, 80% das empresas já sofreu algum tipo de ataque informático, adianta José Figueiredo, COO/Partner da Squalo Cybersystems. O ransomware é o risco mais iminente na Região.

O software malicioso tornou-se mais conhecido dos portugueses após a notícia que os hospitais da CUF haviam sofrido um ataque informático com ransomware SamSam. Este vírus restringe o acesso ao sistema infetado e cobra um resgate, normalmente em criptomoedas, uma espécie de sequestro para que o acesso possa ser restabelecido.

"Não há garantias que a normalidade seja reposta, não há honra na cibercriminalidade", alerta José Figueiredo, que aconselha as empresas a não pagarem o resgate, recorrendo em alternativa à ajuda especializada.

Evitar a exposição a este risco, com prevenção e a adoção de políticas de robustecimento dos sistemas de informação e comunicação, medidas de salvaguarda de dados e rotinas de cooperação entre serviços para detetar ciberataques são estratégias a ter em conta para evitar danos que podem não ser totalmente remediáveis.

O porta-voz da Squalo Cybersystem lembra que a lei n.º 46/2018 que define o 'Regime Jurídico de Segurança do Ciberespaço' impõe como obrigatoriedade a adoção de medidas de prevenção a setores como a administração pública, os operadores de infraestruturas críticas, de serviços essenciais, aos prestadores de serviços digitais, bem como a quaisquer outras entidades que utilizem redes e sistemas de informação.

"Imagine uma infraestrutura crítica como a Empresa de Eletricidade da Madeira... Um ataque deste género pode comprometer geradores, impedir a emissão de faturas, comprometer o fornecimento de bens", exemplifica José Figueiredo.

Atualmente, diz o especialista, é relativamente fácil para um hacker tornar o cloro venenoso ou apoderar-se de informação crucial para o funcionamento de um serviço ou de uma empresa.

Na Madeira, os casos conhecidos passam, sobretudo, pelo acesso a dados, cópia e destruição de emails ou, por exemplo, o roubo de informações de login de usuário. José Figueiredo acredita que as empresas regionais estão conscientes e sensibilizadas para os riscos existentes, mas enfrentam alguma dificuldade na hora de optar por ajuda especializada.

O primeiro passo, diz o especialista, será a procura de conselho, a consultadoria para que se identifiquem os riscos possíveis e, feita essa análise, será então altura de implementar os mecanismos de proteção. Os gastos com esta operação variam consoante a dimensão da empresa, não estando em causa valores de grande monta.

81%
O INVESTIMENTO EM CIBERSEGURANÇA NO MUNDO CRESCEU 81% EM 2017, COMPARATIVAMENTE AO ANO ANTERIOR

20%
EM 2018, INVESTIU-SE, AO NÍVEL MUNDIAL, MAIS 20% EM CIBERSEGURANÇA DO QUE EM 2017

19
SEMINÁRIO DA SQUALO CYBERSYSTEMS REÚNE ESPECIALISTAS A 19 DESTE MÊS

RELAÇÕES INTERNACIONAIS, CIBERSEGURANÇA E PROTEÇÃO DE DADOS

António Tânger Corrêa, embaixador de Portugal em países como o Qatar e Egito e especialista em geoconflito, Andreia Rosa Collard, advogada especialista em proteção de dados, Luís Afonso, inspetor-chefe da Polícia Judiciária, Unidade de Cibercrime, e Pedro Moura Ferreira, diretor do Grupo Segurador MDS para a área Cyber, são os oradores que vão marcar presença, no Funchal, num debate sobre Relações Internacionais, Cibersegurança e Proteção de Dados. Organizado pela Squalo Cybersystems, que conta na Madeira com 16 colaboradores, o debate decorre no próximo dia 19 de junho, pelas 10 horas, no auditório da Empresa de Eletricidade da Madeira.

Em análise, vão estar temas como a prevenção, a legislação aplicável ao regime do ciberespaço e os diversos riscos vigentes na atualidade.

Para o dia 18, está agendada uma visita do vice-presidente do Governo, Pedro Calado, às instalações da Squalo Cybersystems, altura em que será feita a apresentação da empresa e dos serviços que disponibiliza.